

## UMA REFLEXÃO SOBRE EDUCAÇÃO

### A RELECTION ABOUT EDUCATION

Maria Cristina Leal de Freitas (G-UEMS)<sup>1</sup>  
Ailton Souza (UEMS)<sup>2</sup>

*We don't need no education  
We don't need no thought control  
No dark sarcasm in the classroom  
Teachers leave them kids alone!  
Hey! Teachers! Leave them kids alone!  
All in all it's just another brick in the wall  
All in all you're just another brick in the wall.  
Pink Floyd*

#### **Resumo:**

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre Educação a partir dos filmes *Entre os muros da escola* e *Escritores da Liberdade*, utilizando para tal, o pensamento de Theodor Adorno e Hannah Arendt, esboçado nas respectivas obras: *Educação e Emancipação* e *Entre o Passado e o Futuro*. As reflexões tecidas por Adorno e Arendt podem contribuir no debate sobre os problemas da educação no mundo contemporâneo, tão bem abordados nos dois filmes citados. A construção da relação entre Educação e o mundo contemporâneo e o aprofundamento do tema ocorrerá mediante as aproximações e distinções de cada pensador, com enfoque no papel da educação e do educador.

**Palavras-chaves:** Educação. Responsabilidade. Reflexão.

#### **Abstract:**

This work presents a reflection on Education from the films *Between the brick of the school* and *Freedom Writers*, using to this end, the thought of Theodor Adorno and Hannah Arendt, sand outlined in their works: *Education e Emancipation* and *Between the Past and the Future*. The woven by Adorno and Arendt's reflections can contribute to the debate on the problems of education in the contemporary world, so well covered in two films cited. The construction of relationship between education and contemporary world and deepening the theme will occur upon the approaches and distinctions of the each thinker, with emphasis on the role of education and the educator.

**Keywords:** Education. Responsibility. Reflection.

---

<sup>1</sup> Psicóloga, formada em Direito e graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Campus Paranaíba.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Campus Paranaíba

**Introdução**

O tema Educação é tão debatido e, por isso, parece esgotado, que não há mais o que se falar ou escrever. Mas ao assistir aos filmes *Entre os muros da escola* e *Escritores da Liberdade* não é possível pensar que possa se esgotar e não deixar de se fazer as perguntas: qual o papel da educação, do educador e como trabalhar com a diversidade de modo a diminuir o preconceito, a intolerância, a violência?

Os filmes expõem temas dentro da estrutura educacional tais como: exclusão, inclusão, preconceito, intolerância, violência, políticas públicas ineficazes, repressão, punição, práticas pedagógicas, democratização do ensino, enfim, a crise na educação.

Para Arendt (2009, p. 222), a crise na educação reflete a crise da sociedade moderna e não pode ser considerada “[...] como um fenômeno local e sem conexão com as questões principais do século [...]”, pois, não se trata apenas “[...] de saber por que Joãozinho não sabe ler”. O importante para ela (Arendt, 2009, p. 234) é “[...] o que podemos aprender dessa crise acerca da essência da educação [...]”, ou seja, é uma oportunidade para a reflexão sobre o significado, “[...] o papel que a educação desempenha em toda civilização [...]”. A crise põe em dúvida as certezas que sustentavam o passado considerado ideal.

Para Adorno (2010, p. 139) a questão que deve ser colocada é: “[...] para onde a educação deve conduzir?”. Ele (Adorno, 2010, p. 141) propõe uma reflexão sobre o objetivo fundamental da educação, não de um modelo ideal imposto, do exterior, uma vez que, pergunta ele: “de onde alguém se considera no direito de decidir a respeito da orientação da educação dos outros”.

Nosso objetivo é trazer algumas reflexões acerca dos problemas da educação contemporânea, em especial, sobre o seu papel e o papel do educador. Além disso, pretendemos de modo breve identificar o que o educador pode contribuir nas relações interpessoais.

Partindo deste pressuposto, utilizamos a contribuição de Adorno e Arendt como algumas das principais referências deste trabalho – na discussão sobre o papel da educação e do educador em relação ao desenvolvimento do questionamento crítico dos modos de pensar, agir e viver, que cada vez mais se torna necessário no mundo contemporâneo.

A partir destas prerrogativas o presente trabalho inicia-se com um resumo das histórias e levantamento dos principais temas tratados nos filmes citados. Na sequência aborda-se o papel do educador e da educação, utilizando-se do pensamento de Adorno e Arendt, relacionando-os aos filmes. Analisa que papel assume os professores retratados nos filmes e que questões estes trazem a respeito do papel da educação.

**1- Os filmes**

O filme *Entre les murs*<sup>3</sup> ( nome original, *da escola* foi acrescentado na tradução brasileira) é baseado no livro homônimo de François Bégaudeau e sua experiência real numa escola pública de Paris, localizada na periferia onde vivem muitos imigrantes, como professor de Literatura da turma de 7ª série retratada no longa. No filme o autor faz seu próprio papel, o professor de Francês François Marin.

O filme *Escritores da liberdade*<sup>4</sup> retrata a experiência real da professora novata de Literatura e Língua Inglesa, Erin Gruwell (interpretada pela atriz Hillary Swank) numa sala de ensino médio de uma escola, localizada em um bairro pobre de Los Angeles, que vive uma

verdadeira guerra causada por tensões raciais. A professora incentiva os alunos a escreverem suas histórias que foram reunidas em um livro publicado em 1999. O nome foi escolhido pelos alunos em homenagem aos ativistas dos direitos civis – Os Cavaleiros da Liberdade (Freedom Riders), que lutaram pelo fim da segregação racial em 1960, nos EUA. Posteriormente, a professora e alunos fundaram a Fundação Escritores da Liberdade, com o objetivo de reproduzir a experiência em outras escolas.

A relação professor-aluno de um colégio francês e de outro americano expõe os desafios da Educação na contemporaneidade, é um reflexo da diversidade cultural e racial que existe na França e EUA. A América sempre foi uma terra de imigrantes e a França passou, nos últimos anos, a receber muitos imigrantes.

A integração dos diferentes grupos étnicos vai acontecer na escola pela educação dos filhos de imigrantes, numa tentativa de impôr a cultura e a língua oficial. Como observa Arendt (2009, p. 223) sobre a questão americana “[...] a fusão extremamente difícil dos grupos étnicos mais diversos – nunca completamente lograda, mas superando continuamente as expectativas – só pode ser cumprida mediante a instrução, educação e americanização dos filhos de imigrantes.”

---

<sup>3</sup> Entre les murs. Direção: Laurent Cantet. França, 2008. O diretor não utiliza atores profissionais no elenco, as atuações são improvisadas. (Carreiro, 2010)

<sup>4</sup> Freedom Writers. Direção: Richard Lagravenese. Roteiro: Richard Lagravenese, Erin Gruwell. Elenco: Hillary Swank, Patrick Dempsey. EUA/Alemanha, 2007. [www.freedomwritersfoundation.org](http://www.freedomwritersfoundation.org).

Não sendo o inglês a língua natal dos alunos, terão, os filhos de imigrantes, que aprendê-lo na escola, e esta, passa a assumir funções (como o aprendizado da língua) que, como lembra Arendt (2009, p. 223), “[...] seriam desempenhadas normalmente no lar.”

Aos poucos a escola passou a assumir uma série de funções, além do ensino e aprendizagem, se tornando o espaço no qual, o privado transforma-se em público e vice-versa, e quanto mais isso ocorre, afirma Arendt (2009, p. 238), “[...] mais difíceis torna as coisas para suas crianças, que pedem, por natureza, a segurança do ocultamento para que não haja distúrbios em seu amadurecimento.”

Em ambos os filmes, os alunos são adolescentes, fase crítica de descoberta de si mesmo e do mundo; então, passam a questionar as instituições sociais, as normas impostas pela sociedade, os adultos que dizem uma coisa e fazem outra.

Os “muros” de que fala o filme *Entre les murs* são os “muros” social e historicamente construídos que acabam por serem impostos a todos. Ao mesmo tempo em que, concretamente, ao delimitar o espaço geográfico (escola, sala de aula) e definir, simbolicamente, a estrutura de funcionamento (hierarquia, normas, conhecimentos a serem transmitidos, formas de avaliar), juntam pessoas de culturas diferentes, os “muros”, também, dividem, segregam e acabam por gerar a uma hostilidade entre elas, uma vez que, são obrigadas a conviver num mesmo espaço sob normas impostas externamente que nem sempre compreendem. Não sentem este espaço como seu e nem se percebem como sujeito do processo educacional.

*Entre les murs* não atravessa os muros da escola, não tem interesse em conhecer os alunos fora da escola. Já em *Escritores da liberdade*, atravessa-se os muros e mostra-se a vida dos alunos fora do contexto escolar.

*Entre les murs* mostra a realidade vivida nas escolas, focando a relação professor-aluno, entre alunos e entre os professores. Não se percebe uma intenção de passar uma

mensagem de esperança, não há um *happy end*, não quer passar um caso de sucesso, em que um professor realiza um projeto com um grupo de alunos, não interessa as exceções, mas o que ocorre na maioria das escolas. A sensação ao final é desanimadora, com a imagem da sala de aula vazia, algumas cadeiras tombadas, outras como que “viradas de costas” para quem estaria à frente e para os que estariam ao lado, mostra o que é a escola: o seu esvaziamento, cada qual fechado em seu mundo, sem assumir responsabilidade por ela, não há diálogo.

*Escritores da liberdade* tem uma intenção: passar uma mensagem de esperança, com um final feliz, o que é uma característica dos filmes americanos. O filme mostra que é possível mudar a realidade, superar obstáculos se formos persistentes e não nos acomodarmos diante deles. Mostra um ideal de professor, um modelo a ser seguido.

## **2- O papel do educador**

Diante da complexidade da sociedade contemporânea, cada vez mais vem se exigindo do educador, múltiplos saberes e uma atuação que vai além da transmissão de conhecimentos de sua área. O educador tem um papel fundamental na formação do aluno, pois cabe a ele motivar os alunos ao aprendizado, formando um vínculo afetivo na relação com eles, acompanhar e avaliar o seu desempenho, percebendo os problemas que surgem no processo ensino-aprendizado, a busca de métodos e estratégias que facilitem o aprendizado. Compreender o seu papel na escola hoje se faz necessário para que possa efetivamente participar na construção de um novo projeto de ensino.

Mas porque tudo parece recair sobre a figura do professor? Como nos lembra Freire (2002, p. 73):

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca.

Para Arendt (2009, p. 247), o educador precisa ter uma atitude de amor e de responsabilidade pelo mundo, deixar de ser indiferente ao que ocorre, que ama as crianças o suficiente “[...] para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos [...]”, nem impedindo-as “[...]de empreender alguma coisa nova [...]”.

A perda da responsabilidade dos adultos para com o próprio mundo se reflete no abandono da responsabilidade educacional por parte do professor, o que acaba, segundo Arendt (2009, p.239), conduzindo à perda autoridade. A educação moderna retirou do adulto a autoridade sobre a criança, que deve ter autonomia para resolver suas dificuldades. Entretanto, isto gerou, de acordo com Arendt (2009, p. 230), “[...] uma situação em que o adulto se acha impotente [...]” e deixou a criança “[...] sujeita a uma autoridade mais terrível e verdadeiramente tirânica, que é a tirania da maioria”, contra a qual não pode se rebelar nem argumentar, com o risco de ser excluída.

É o que se vê no filme *Escritores da Liberdade*, uma sala de aula dividida em grupos separados por etnia (latinos, afro-descendentes, orientais), em verdadeira “guerra”, e a direção sem assumir uma responsabilidade por eles. A professora Erin, ao assumir a responsabilidade pela educação dos seus alunos, enfrenta os obstáculos que se interpõem, inclusive, os postos pela direção da escola. Já de início, a diretora mostra-se preconceituosa em relação aos alunos, avisando-a para tomar cuidado como o colar de pérolas que Erin usa (podem roubá-lo); em outro momento, não favorece o acesso aos materiais didáticos necessários ao desenvolvimento das atividades pedagógicas, como o uso de livros da biblioteca da escola (os

alunos vão estragá-los); e por fim, questiona a validade do método adotado pela professora, bem como, a possibilidade de ser repetido com sucesso em outras turmas. Erin mostra-se determinada, e com isso, consegue apresentar-lhes um mundo, cheio de possibilidades, e prepará-los para renovar esse mesmo mundo, pois acredita que este é o seu papel.

Essa situação não é diferente da que é observada por Adorno (2010, p. 116), sobre os administradores escolares que, utilizando-se do conceito de “necessidade da escola”, restringem “a liberdade intelectual”, impedem o desenvolvimento do trabalho científico dos professores, “[...] mantendo-os *down to earth* (com os pés no chão), desconfiados em relação àqueles que, como afirmam, pretendem ir mais além ou a outra parte”.

Isso gera uma hostilidade entre direção e professores, bem como, entre os próprios professores, como aponta Adorno (2010, p. 116), “[...] facilmente prossegue na relação da escola com os alunos.” É o que também, ocorre na escola mostrada no filme *Entre les murs*. Só que o professor François, não consegue assumir a responsabilidade pela educação dos seus alunos, fazendo com que não represente uma autoridade diante deles e, então, assume uma postura autoritária, inclusive por parte de toda a equipe de professores e direção, não restando senão a punição na forma de advertências e expulsão para os alunos que não se adequam aos padrões disciplinares.

Em qual é o papel do educador se insere outra questão: qual a importância da relação professor-aluno? Professor e aluno, colocados em uma sala de aula, passam a constituir um grupo, desenvolvendo intensa relação interpessoal, com várias implicações, em especial, o (re) conhecimento do outro.

Isso nos remete à importância do outro, pois, é através do outro que sabemos quem somos, nossa auto-imagem depende do outro, sem o outro não temos critérios para auto-identificação. Para Sartre, em *O Ser e o Nada* (2009), o homem busca ser consciência de si, ocupa-se de si, é um *ser-para-si*, ocupa-se de obter conhecimento de si, e para atingí-lo, precisa do outro, que seja um espelho, uma outra consciência, que mantém uma distância real, garantindo, assim, uma objetividade. Por isso, procuramos pessoas que possam ver nossas boas qualidades.

Como pontua Leite (1979), alguns professores procuram salientar os aspectos positivos dos alunos, conseguindo assim, fazer com que estes se acentuem e ocorra um maior rendimento dos mesmos, enquanto outros tendem a salientar os aspectos negativos.

Em *Carta a uma Professora*, escrito pelos rapazes (ao final a carta é assinada por Vicchio, mas no início do livro consta que são oito alunos-autores) da escola de Barbiana, é exposto o quanto é significativa a relação professor – aluno no processo ensino-aprendizagem e na avaliação, o quanto uma expectativa negativa na atitude da professora pode fazer com que ele seja reprovado ou até que abandone seus estudos. Um dos alunos (1982, p. 13) relata que “[...] a professora tinha dito aos meus pais que não valia a pena estarem a deitar dinheiro à rua comigo [...]”, e orientou-os a levá-lo para trabalhar com eles no campo, pois, “[...] não puxa para os estudos”. Esta atitude da professora fez com que seu pai, que (felizmente) não acreditou nela, o mudasse para a escola de Barbiana, na qual, segundo os autores, todos aprendem, pois nela “ninguém é burro para estudar”. Muitos pais, infelizmente, acreditando no conhecimento da professora, seguiam sua orientação. Os que insistiam em continuar os estudos eram “chumbados” (reprovados), esquecidos num canto da sala de aula, e após alguns anos de reprovação, acabavam por sair da escola. Os autores mostram em vários trechos do livro, que a evasão ocorria entre os alunos filhos de camponeses e operários das fábricas, ou seja, advindos das classes desfavorecidas.

Mais adiante os rapazes de Barbiana (1982, p. 23) admitem a dificuldade em trabalhar com alguns alunos, mas entendem que “[...] se os perdêssemos, a escola deixava de ser a escola. Seria como um hospital que só trataria das pessoas de boa saúde e que mandava os doentes embora.” E concluem que dessa forma seria “[...] um instrumento de segregação cada vez mais irremediável.”

A forma como o professor vê o aluno e este vê o professor irá afetar positivamente o negativamente a relação professor-aluno. O professor François tem uma imagem negativa dos alunos, acha-os incapazes da leitura de uma obra como *Cândido* de Voltaire; e no final, surpreende-se que uma aluna leu *A República* de Platão; com isso, os alunos também passam a ter uma imagem negativa dele, não conseguem ver suas qualidades, até quando os “defende” em uma reunião sobre avaliação. A professora Erin procura evidenciar as qualidades boas dos seus alunos e consegue o desenvolvimento de suas potencialidades, de alunos considerados “fracassados” a “escritores da liberdade”, bem como, de um bom relacionamento com eles e o reconhecimento.

É visível o mal-estar do professor François por não desempenhar seu papel de educador, ele tenta mudar os rumos que toma a situação na qual está envolvido e que leva um aluno seu para o Conselho de Classe, no qual certamente será expulso, mas tem dificuldade em fazê-lo, a sensação de impotência toma conta dele e o paralisa.

Essa situação é muito comum nas escolas, em que o professor, diante dos obstáculos, sente-se impotente e simplesmente vai deixando o trabalho acontecer, tentando não pensar, não refletir. Não deve ser nada fácil carregar o sentimento de não estar fazendo um bom trabalho. Não se pode julgar que os professores, na sua maioria, não se importam em desenvolver um bom trabalho. Não se pode transformá-los em “bodes expiatórios”, ou seja, culpados dos males da educação. Ele é parte, muito importante, de um sistema, a escola, que é parte de um outro, a comunidade onde está inserida, e esta, por sua vez, mantém relação com uma rede de instituições de uma cidade, estado, país e de outros países do mundo (aumentada pelas redes sociais).

A ênfase no papel do professor dentro da escola acaba por gerar uma expectativa em relação aos resultados que irá obter com seus alunos e, ao não atingí-los, vem a frustração que afetará sua auto-imagem, pois só pode ser considerado “bom” o que alcança êxito em seu trabalho.

O isolamento do professor, dentro do contexto escolar, cuja atuação fica restrita ao espaço de sua sala de aula, não havendo um espaço para compartilhar saberes e problemas com os outros docentes e direção, aumenta a sua fragilidade, deixando-o à mercê do julgamento, cobranças acerca do seu desempenho, e, ele acaba por assumir a culpa de seu fracasso.

Como pontua Paschoalino (s.d., p. 08): “A sociedade espera a atuação do super-herói, ao projetar na figura do professor o protótipo de salvador das juventudes [...]”. E pode-se pensar o próprio professor que também, acredita ser este o seu papel, idealizando-o, e quando isto não ocorre, sente-se culpado e incapaz, que não tem capacidade para o exercício profissional.

Nos filmes pode-se observar duas reações diferentes diante dos obstáculos e realidades escolares. O professor François não consegue sair dos seus “muros”, já, a professora Erin, não se limita aos “muros”, não se deixa abater, luta pelo que acredita ser o seu papel, busca meios de transformar a realidade. O professor François só consegue ultrapassar os “muros”, sair do isolamento, ao narrar a sua experiência no filme, compartilhará-la com todos que irão assisti-lo. É preciso coragem para fazê-lo, não é nada fácil assumir nossas imperfeições e fracassos.

Adorno (2010, p. 107-113) nos traz alguns tabus acerca do magistério, que acabam também, por prejudicar a auto-imagem do professor. A “imagem negativa do professor encontra-se no homem que castiga”, o professor é “aquele que é fisicamente mais forte e castiga o mais fraco”, mesmo depois do castigo físico ter sido proibido por lei. Sendo a escola o “protótipo da própria alienação social”, ao isolar a criança do mundo dos adultos, a autoridade do professor é o “agente dessa alienação”, que substitui “a realidade pelo mundo ilusório intramuros”, ele é o agente do processo civilizatório, é quem vai impôr às crianças uma série de privações, fazendo com que haja uma “apreensão negativa” da sua imagem. O professor tem dificuldade na “separação entre seu trabalho objetivo [...] e o plano afetivo pessoal” já que “seu trabalho realiza-se sob a forma de uma relação imediata, um dar e receber”, carregado de subjetividade, de reações afetivas, com atitudes muitas vezes “próximas da violência física quanto reveladoras de momentos de fraqueza e insegurança”.

Para ele (Adorno, 2010, p. 113), o professor poderia reconhecer algumas de suas reações afetivas como próprias de si mesmo e dos outros, o que implicaria “a necessidade de conscientização e de aprendizado psicanalítico”. Ter um psicólogo como parte da equipe docente na escola com o objetivo de dar este suporte (não necessariamente psicanalítico), poderia contribuir no processo ensino-aprendizagem e nas relações interpessoais.

Leite (1979) afirma que é fundamental para o professor o autoconhecimento, desenvolver a autocrítica, perceber o seu comportamento diante dos alunos: seus gestos, tiques, altura da voz, maneira de andar, gesticular, suas manifestações de preferência por alguns alunos. Ele precisa conhecer suas qualidades e limitações para poder reconhecê-las nos alunos.

Como propõe Adorno (2010, p. 113), o professor será “mais convincente” se disser: “sim, eu sou injusto, eu sou uma pessoa como vocês, a quem algo agrada e algo desagradar”; uma vez que, os alunos também são injustos com os professores e colegas.

Outro aspecto importante da relação professor-aluno se refere ao conhecimento do significado do comportamento dos outros, das relações que se estabelecem entre os alunos. Raramente, como observa Leite (1979), o professor interfere nas relações entre os alunos, exceto para, em determinados momentos, fazer “sermões” sobre moral, para elogiar ou recriminar uma atitude deles, pois não está preparado para trabalhar as relações interpessoais.

O conhecimento, por parte do professor, da dinâmica dos grupos poderia ajudar na intervenção dos conflitos, a organizar outra estrutura dentro da classe, em que cada um possa conhecer o sentido do comportamento daqueles com quem está em contato. Compreender o outro aumenta a tolerância e impede a revolta, agressão, violência.

É o que se pode ver quando a professora Erin utiliza uma técnica de dinâmica de grupo, para mediação de conflito, em que traça uma linha no chão da sala e pede para que os alunos se posicionem sobre ela, caso a resposta seja sim às perguntas que ela vai dirigindo ao grupo; são perguntas sobre preferências, com o objetivo de fazer com que os alunos percebam mais semelhanças que diferenças entre eles e rompam com os preconceitos. Ela intervém na dinâmica do grupo e com isso, transforma as relações interpessoais.

### **3- O papel da educação**

Utilizando a questão levantada por Adorno (2010, p. 139): “[...] *para onde deve a educação conduzir?*” Qual é o seu objetivo fundamental? Que papel lhe está reservado no mundo contemporâneo?

A educação para Adorno (2010, p. 141), deve visar “a *produção de uma consciência verdadeira*”, deve levar à emancipação. A emancipação, para ele (Adorno, 2010, p. 177), é semelhante ao processo de desenvolvimento normal descrito por Freud, no qual a criança se identifica com a figura paterna, “interiorizando-a”, para posteriormente, descobrir que “não corresponde ao eu ideal”, “libertando-se” dela e tornando-se uma pessoa emancipada.

Arendt (2009, p. 234) pensa a escola como a instituição que se interpõe entre o mundo privado familiar e o mundo público, que tem a função de acolher e iniciar os jovens no mundo. É por meio da escola que a criança é apresentada ao mundo das estruturas racionais, científicas, políticas, históricas, lingüísticas, sociais e econômicas, a um mundo já existente, que está em processo de formação. A dificuldade está em como educar, estabelecer critérios comuns para a escolha curricular diante da diversidade cultural existente na sala de aula.

A educação, para Freire (1967, p. 57), deve propor “[...] a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades [...] sobre seu próprio poder de refletir”. Deve objetivar a formação integral do aluno.

Dentro dessa perspectiva a prática educativa deve estabelecer uma relação entre conteúdo e o contexto de vida dos alunos, à realidade social, deve criar espaços de reflexão e participação, que possibilite a preparação para as transformações e incertezas do mundo.

Nesse sentido é interessante notar que ambos os professores dos filmes citados utilizam uma estratégia semelhante, o uso do livro *Diário de Anne Frank* 5 para, a partir dele, escreverem sobre suas vidas. O professor François consegue uma participação sem muito envolvimento dos alunos, e inclusive dele, na atividade.

---

5 Livro traz na íntegra o diário de Anne Frank, publicado em 1947 por seu pai Otto Frank, mostra o dia-a-dia de uma adolescente, que viveu durante a Segunda Guerra Mundial e o Nazismo.

Entretanto, a professora Erin, vai além, aprofunda o tema do Holocausto que aparece no livro, com o objetivo de levar os alunos a refletirem sobre suas próprias vidas e assumam responsabilidade, saindo do papel de vítimas culpando os outros pela sua situação (o mesmo que fez Hitler, culpando os judeus pela miséria que assolava a Alemanha).

O Holocausto, a barbárie e o temor de seu retorno foi tema da obra de Arendt e Adorno. Para Arendt, o pensamento como atividade reflexiva pode ser um obstáculo ao mal. Para Adorno, a educação para a auto-reflexão pode evitar a barbárie.

Arendt, em *Eichmann em Jerusalém* (2010), faz um relato do julgamento de Adolf Eichmann, criminoso nazista, e mostra como o mal, a barbárie pode ocorrer pela falta de reflexão dos atos. Eichmann justificou seus atos por cumprimento de ordens, ou seja, ele não refletiu sobre suas ações. A reflexão favorece a autoria da existência, sem refletir sobre nossos atos nos tornamos apenas atores (e não autores) de nossas vidas. Ao estimular a reflexão e a crítica, pode-se provocar a perplexidade, fundamental, de acordo com ela, para que não nos acostumemos com o mal.

Para Adorno (2010, p. 117) a educação escolar pode se transformar em instrumento na luta contra a barbárie, definida por ele como o “extremismo: preconceito delirante, genocídio e a tortura”, ao promover o esclarecimento, a auto-reflexão crítica, a autonomia, a autodeterminação. O esclarecimento consiste em fortalecer a autoconsciência crítica, a capacidade de pensar, de resistir, de não participar do que você acredita estar errado. Quem pensa, resiste, não segue os outros.

Pode-se ver o efeito desta educação idealizada, se é que se pode assim denominá-la, por Adorno e Arendt e realizada pela professora Erin, quando uma aluna não segue a

orientação dos seus pais, inocentando um rapaz da comunidade “rival” e denunciando o verdadeiro assassino que é da sua comunidade, mesmo correndo o risco de ser excluída desta. Ela entendeu que era o certo a fazer, que a vida não valeria a pena se fizesse o que os outros queriam, pois, considerou ser errado uma pessoa pagar pelo crime de outra para proteger um dos “seus”. Ela percebe a si própria e o outro como pessoa humana, independente da sua raça. Esta é a atitude de um aluno ideal formado num modelo ideal de educação.

Segundo Adorno (2010, p. 48), através da “elaboração do passado como esclarecimento”, de uma “inflexão em direção ao sujeito, reforçando a sua autoconsciência” pode-se “tornar consciente” nas pessoas “os mecanismos que provocam nelas o preconceito racial”, e formar um novo sujeito social capaz de dialogar com o outro. É preciso lembrá-las do sofrimento e miséria resultantes das guerras, do Holocausto.

O passado, para Arendt (2009, p. 30-32), torna-se importante como experiência, tradição a ser transmitida às novas gerações, para que estas as reconheçam como valiosas para si. O objetivo é transformar a memória do passado em uma experiência que possa contribuir para dar sentido ao presente e renovar o futuro.

O professor François mostra-se ele mesmo preconceituoso em relação a outros povos e culturas, quando, por exemplo, pergunta ironicamente se os alunos conheciam alguém importante na Áustria. A professora Erin, ao perceber que o preconceito era grande entre seus alunos e estava gerando agressões mútuas, utiliza-se do passado, da memória do Holocausto, para que façam as conexões com suas vidas, no presente, transformando-os em pessoas capazes de dar um novo sentido às suas vidas. Para Adorno (2010, p. 119), a primeira preocupação da educação deve ser evitar “[...] que Auschwitz não se repita [...]”, pois a barbárie ocorrida nele “[...] continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão. É isto que apavora.”

Freire (1967, p. 36) propõe a educação para liberdade, para formar o “homem-sujeito”. Prossegue ele (Freire, 1967, p. 56), para tornar o homem “[...] agente de sua própria recuperação, pô-lo numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas.” A educação, para ele (Freire, 1967, p. 90) deve levar o aluno a descobrir o seu valor, deve adverti-lo sobre os “[...] perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio eu, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro.”

A escola deve ser capaz de contribuir para a superação do problema dos não incluídos, bem como, da impotência diante das dificuldades, como propõe Saviani (2009, p. 28). E prossegue ele (Saviani, 2009, p. 70): “o processo educativo é a passagem da desigualdade à igualdade”, ou seja, deve objetivar a “igualdade real”, de acesso ao saber e não a “formal”, imposta por uma lei. É o que ocorre no filme *Escritores da liberdade*, no início, tem-se a turma “problemática”, tratada desigualmente pela instituição e, ao final do processo educativo, todos atingem o que devem ser os objetivos deste: a aquisição dos conhecimentos, a consciência crítica, o preparo para transformar o mundo em um local melhor para se viver, sabendo-se responsável por ele.

### **Considerações finais**

Ambos os filmes expõem uma visão realista da decadência da Escola como espaço democrático, um fenômeno semelhante à realidade brasileira e por isso, servem de referência para uma reflexão para o educador brasileiro.

Uma nova relação entre aprender e ensinar, entre professor e aluno faz-se necessária; ela deve levar aluno e professor a buscar, querer, ir além. Não existe receita pronta, é um processo no qual se vai construindo uma escola/educação que contribua para o desenvolvimento de uma sociedade mais humana. A escola é essencial na formação de um cidadão reflexivo, autônomo, emancipado.

Infelizmente, são poucas as experiências como a ocorrida nos EUA, e são muitas as semelhantes a da escola francesa. Espero com isso não desanimar os educadores nem àqueles que pretendam ingressar na carreira do magistério e sim, contribuir para uma reflexão sobre Educação, pois não é um tema terminado.

Como nos faz refletir a música do Pink Floyd: aquele que se acomoda, que nada faz quando vê algo errado, nada mais é que outro “tijolo no muro”. Os muros da escola, que não deixam ver o que está além, que não deixam o mundo entrar, que alienam, que tiram a liberdade. Como está na letra não precisamos desta educação controladora, que não respeita o aluno.

Com este trabalho espera-se contribuir com uma reflexão por parte do educador, sobre como conduzirá sua prática, que caminho escolherá, que postura adotará, como estabelecerá o relacionamento com seus alunos. Que ele saia do isolamento e possa (re)construir, ressignificar o seu papel na educação contemporânea. Afinal, pode-se sempre escolher que educador quer ser: só mais um tijolo no muro?

## **REFERÊNCIAS**

ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 6. ed., 2009.

ARENDT, H. *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CARREIRO, R. *Entre os muros da escola*. Disponível em: < <http://www.cinereporter.com.br/dvdentre-os-muros-da-escola> >. Acesso em: 02 nov. 2010.

FREEDOM WRITERS. Disponível em: < [www.freedomwritersfoundation.org](http://www.freedomwritersfoundation.org) >. Acesso: 02 nov. 2010.

FREIRE, P. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra LTDA, 1967.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia*. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2002.

LEITE, D.M. Educação e relações interpessoais. *Boletim de Psicologia*, XI, 38, julho-dezembro, 1979, p. 8-34.

PASCHOALINO, J.B.Q. *A complexidade do trabalho docente na atualidade*. Disponível em: < [www.senapt.cefetmg.br](http://www.senapt.cefetmg.br) >. Acesso em: 30 ago. 2012.

SAVIANI, D. *Escola e Democracia*. 41. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

SARTRE, J.P. *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VICCHIO, Mugello. *Carta a uma professora pelos rapazes da escola de barbiana*. 4. ed. Lisboa: Editorial Presença LDA, 1982.